

ANTONIO NOBRE

Sua

C	A	I
X	O	
T	I	M
EPÍGRAFES		

PREFÁCIO

I. *A 2.ª edição do Só, 1898*
— *notas para uma memória descritiva*

A primeira edição do *Só* foi dada à estampa em 1892 por Léon Vanier, em Paris, conforme se pode ler no colófon:

Achevé d'imprimer

le deux avril mil huit cent quatre-vingt douze

POUR

LÉON VANIER

éditeur

PAR HENRI JOUVE

15, RUE RACINE, 15

A PARIS

SÓ

Autor

ANTONIO NOBRE

Prefácio

PAULA MORÃO

Concepção Gráfica

P e P

1892

Colecção

«CAIXOTIM AUREO»

Impressão e Acabamento

UNITARTE GRÁFICA/Porto

Depósito Legal

159200/00

ISBN

972-8651-04-X

© EDIÇÕES CAIXOTIM

Interessa-nos aqui notar que, na época, a «imprimerie» é destacada ao mesmo título que a casa editora, porquanto é notável a composição com pouquíssimos erros e gralhas, sobretudo se pensarmos que foi feita por profissionais que não falavam



1

561

.....
Ai do Luziada, coltado,
Que vem de tão longe, coberto de pó,
Que não ama, nem é amado,
Lugubre Outomno, no mez d'Abri!!
Que triste foi o seu fado!
Antes fosse p'ra soldado,
Antes fosse p'ro Brazili...

Menino e moço, tive uma Torre de leite,
Torre sem pari!
Oliveiras que davam azeite,
Searas que davam linho de fiar,
Moinhos de velas, como latinas,
Que São Lourenço fazia andar...
Formozas cabras, ainda pequeninas,
E loiras vacas de maternas ancas
Que me davam o leite de manhã,
Lindo rebanho de ovelhas brancas;
Meus bibes eram da sua lã.

Antonio era o Pastor d'esse rebanho:
Com ellas ia para os Montes, a pastar.
E tinha pouco mais ou menos seu tamanho,
E o pasto d'ellas era o meu jantar...

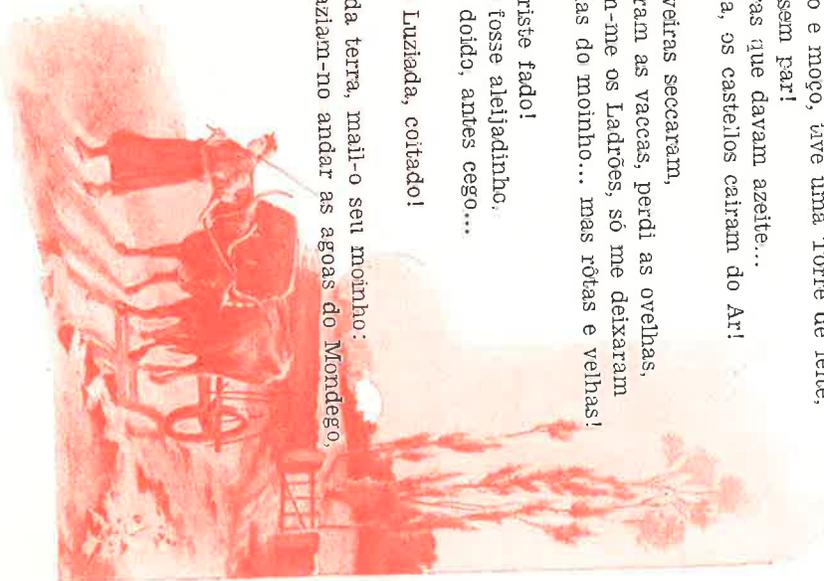
E a serra a toalha, o covilhete e a sala.
 Passava a noite, passava o dia
 N'aquella doce companhia.
 Eram minhas Irmãs e todas puras
 L' só lhes mingoava a falla
 Para serem perfeitas criaturas...
 E quando na Igreja das *Alvas Saudades*
 (Que era da minha Torre a freguezia)
 Batiam as *Trindades*,
 Com os seus olhos christianissimos olhavam-me,
 Eu persignava-me, rezava «*Ave-Maria...*»
 E as doces ovelhinhas imitavam-me.

Menino e moço, vive uma Torre de leite,
 Torre sem fari!
 Oliveiras que davam azeite...
 Um dia, os castellos caíram do Ari!

As oliveiras seccaram,
 Morreram as vaccas, perdi as ovelhas,
 Saíram-me os Ladrões, só me deixaram
 As velas do moinho... mas rôtas e velhas!
 Que triste fado!
 Antes fosse aleijadinho,
 Antes doido, antes cego...

Ai do Luziada, coltado!

Veio da terra, mal-o seu moinho:
 Lá, faziam-no andar as agoas do Mondego.



Hoje, fazem-no andar agoas do Sena...
 É negra a sua farinha!
 Orae por elle! tende pena!
 Pobre Moleiro da Saudade...

Ó minha
 Terra encantada, cheia de Sol,
 Ó campanarios, ó Luas-Cheias,
 Lavadeira que lavas o lençol,
 Ermidas, sinos das aldeias,
 Ó celfeira que cegas cantando,
 Ó moleiro das estradas,
 Carros de bois, cniando...
 Flores dos campos, beijos de fadas,
 Poentes de Julho, poentes minezaes,
 Ó choupos, ó luar, ó regas de verão!

Que é feito de vocês? Onde estaes, onde estaes?

Ó padeirinhas a amassar o pão,
 Velhinhas na roca a fiar,
 Cabello todo em caracoei!
 Pescadores a pescar
 Com a jinna cheia de anzoesi!
 Zumbidos das vespas, ferões das abelhas.
 Ó bandeirasi! Ó Sol! foguetesi! Ó toirada!
 Ó boi negro entre as capas vermelhas!
 Ó pregões d'agoa fresca e limonada!
 Ó romaria do *Senhor da Viandante!*
 Procições com musica e anjinhos!
 Srs. Abbades d'Amarante,
 Com trez ninhadas de sobrinhos!

Onde estaes? onde estaes?

Ó minha capa de estudante, ás ventanias!
 Cidade triste agazalhada entre choupaesi!
 Ó dobres dos poentes, ás *Ave-Marias!*
 Ó *Cabo do Mundo!* *Moreira da Maia!*
 Estrada de S. Thiago! Sete-Estrelho!
 Cazas dos pobres que o luar, á noite, caia...

Fortalezas de Lippi! ó fosso do Castello,
Amortalhado em perrexi e trepedeiras,
Onde se enroscam como espozos as lagartas!
Sr. Governador a podar as rozeiras!
Ó Bruxa do Padre, que botas as cartas!
Joaquim da Thezcal! Francisco da Hora!
Que é feito de vós?
Fallaveis aos barcos que andavam, lá jora,
Pelo porta-voz...

Arrabalde! maritimo da França,
Conta-me a historia da *Formosa Magalona*,
É do *Senhor de Calais*,
Mais o naufragio do vapor *Perseverança*,
Cujos cadaveres ainda vejo á tona...
Ó pharolm da *Barra*, lindo, de bandeiras,
Para os vapores : fazer signaes,
Verdes, vermelhas, azues, brancas, extrangeiras,
Diccionario magnifico de Cores!
Alvas espumas, espumando a fragoa,
Ou rebentando, à noite, como flores!
Ondas do Mar! Serras da Estrella d'agoa,
Cheias de brèves como pinhaes...
Morenos mareantes, trigueiros pastores!

Onde estaes, onde estaes?

Convento d'agoas do Mar, ó verde Convento,
Cuja Abbadessa secular é a Lua
F cujo Padre-capelão é o Vento...
Agoa salgada d'esses verdes poços,
Que nenhum balde, por maior, escua!
Ó Mar jazigo de paquetes, de ossos,
Que o Sul, às vezes, arroia á praia:
Olhos em pedra, que ainda chispan brilhosi!
Corpo de virgem, que ainda veste a saia,
Braços de mães, ainda a apertar braços de filhos!
Noiva cadaver ainda com veu...
Ossadas ainda com os mesmos fatos!
Cabeça roxa ainda de chapéu!
Pés de defunto que ainda traz sapatos!
Boquinha linda que já não canta...

Boccas abertas que ainda soltam aisi!
Noivos em nupcias, ainda, aos beijos, abraçados!
Corpo intacto, a boiar (talvez alguma Sancta...)
Ó defuntos do Mar! ó roxos arrolados!
Onde estaes, onde estaes?

Ó *Boa Nova*, emida á beira-mar,
Única flor, n'essa viva alma de areaes!
Na cal, meu nome ainda lá deve estar,
Á chuva, ao Vento, aos vagalhões, aos raios.
Ó altar da *Senhora*, coberto de luzes!
Ó poentes da *Barra*, que fazem desmaios...
Ó *Sant'Anna*, ao luar, cheia de cruzeis!
Ó logar de *Roldão!* villa de *Perafita!*
Aldeia de *Gonsalves!* *Mesticoca!*
Engenheiros, medindo a estrada com a fita...
Agoa fresquinha da *Amoroza!*
Rebolos pela areia! Ó praia da *Memoria!*
Onde o Sr. Dom Pedro, *Rei-soldado*,
Atracou, diz a Historia,
No dia... não estou lembrado;
Ó capelinha do *Senhor d'Areia*,
Onde o Senhor appareceu a uma velhinha...
Algas! farrapos do vestido da Sereia!
Lanchas da Povoá que ides á sardinha,
Poveiros, que ides para as *vinhe braças*
Sol-pôr, entre pinhaes...
Capellas onde o Sol faz mortes, nas vidracas!

Onde estaes?



2

Georges! anda, ver meu paiz de Marinheiros,
O meu paiz das Naus, de esquadras e de frota!

Oh as lanchas dos povellos
A sairem a barra, entre ondas e gaiivotasi
Que extranho ei!
Fincam o remo na agoa, até que o remo torça,
A espera da maré,
Que não tarda hi, avista-se lá fóra!
E quando a onda vem, ficando-o a toda a força,
Clamam todos á uma: «*Agórai agórai agórai!*»
E, a pouco e pouco, as lanchas vão saindo
(As vezes, sabe Deus, para não mais entrar...)
Que vista admirável! Que lindo! que lindo!
Içam a vela, quando já têm mar:
Da-lhes o vento e todas, á porfia,
Lá vão soberbas, sob um céu sem manchas,
Rozario de velas, que o vento desfia,
A rezar, a rezar a *Ladainha das Lanchas*:

Srva Nagonia!

Olha, acolá!
Que linda vae com seu erro de ortographia...
Quem me dera, ir lá!

Senhora Da guarda!

(Ao lemme vae o Mestre Zé da Leonor)
Parece uma gaivota: aponta-lhe a espingarda
O caçador!

Senhora d'ajuda!
Ora pro nobis!
Calhada!
Sêmos probes!

Sr dos ramos!
Istrella do mar!
Ci' barnos!

Parecem Nossa Senhora, a andar.

Srva da Luz!

Parece o Pharol...

Maim de Jesus!

É tal qual ella, se lhe dá o Sol!

Sr dos Passos!

Senhora da Ora!

Aéguas a voar, pelo mar dentro dos espaços.
Parecem ermidas caçadas por fóra...

Sr dos Navegantes!

Senhor de Matuzinhos!

Os mestres ainda são os mesmos d'antes:
Lá vae o Bernardo da Silva do Mar,
A mail-os quatro filhinhos,
Vascos da Gama, que andam a ensaiar...

Senhora dos afitos!

Martyr São Sebastião!

Ouvi os nossos gritos!

Deus nos leve pela mão!

Brimos em paz!

Ó lanchas, Deus vos leve pela mão!
Ide em paz!

Ainda lá vejo o Zé da Clara, os Remelgados,
O Jéques, o Parda, na *Nam te perdes*,
E das vagas, aos rythmos cadenciados,

As lanchas vão traçando, á flôr das agoas verdes,
«As armas e os barões assignalados...»

Lá sae a derradeira!
Ainda agarra as que vão na dianteira...
Como ella corre! com que força o Vento a impelle!

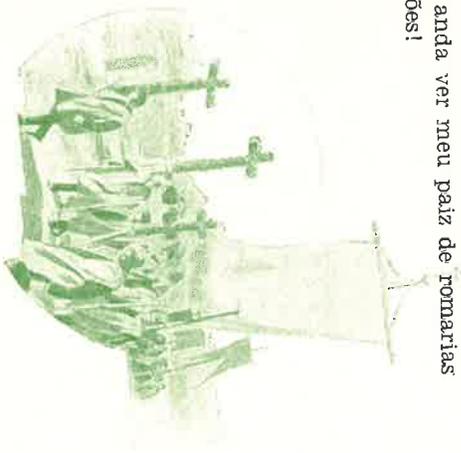
Famos com Deus!

Lanchas, ide com Deus! ide e voltae com elle
Por esse mar de Christo...

Adeus! adeus! adeus!

3

Georges! anda ver meu patz de romarias
E prociçóses!



Olha essas moças, olha estas Mariasi!
Caramba! dá-lhes beiscóses!
Os corpos d'ellas, vêi sãc ourivezarias,
Gula e luxuria dos Maneisi!
Têm nas orelhas grossas arreçadas,
Nas mãos (com luvas) *trinta moedas*, em aneis,
Ao pescoco serpentes de cordões,
E sobre os seios entre cruces, como espadas,

Além dos seus, mais trinta *coraçóses!*
Vá! Georges, faze-te Maneli viola ao peito,
Toca a bañari!
Dá-lhes beijos, aperta-as contra o peito,
Que não de gostari!
Tira o chapéu, silêncio!

Passa a prociçsão.

Estralejam foguetes e morteiros.
Lá vem o Pallio e pegam ao cordão
Honestos e morenos cavalheiros.
Altos, tão altos e enfeitados, os andores,
Parecem *Torres de David*, na amplidão!
Que linda e acieiada vem a Senhora das Dores!
Olha o Mordomo, á frente, o Sr. Conde.
Contempla! Que tristes os Nossos Senhores,
Olhos leaes fitos no vago... não sei onde!
Os anjinhos!
Vêm a suar:
Infantes de trez annos, coitadinhos!
Mãos inviziveis levam-nos de rastros
Que elles mal sabem andar.

Esta que passa é a *Noite cheia de astros!*
(Assim estava, em *certo dia*, na Judeia)
Aquelle é o *Sol!* (Que bom o Sol de olhos pintados!)
É aquella outra é a *Lua-Cheia!*
Seus doces olhos fazem luar...
Essa, acolá, leva na mão os *Dados*,
Mas perde tudo se vae jogar.
E esta que passa, toda de arminhos,
(Vêi d'entre o povo em extazi, olha-a a Mãe)
Leva, sorrindo, a *Coroa dos Espinhos*,
Criança em flôr que ainda os não tem.
É que bonita vae a *Espanja de Feli!*
Mal ella sabe, a innocentinha,
Nas suas mãos a *Espanja* deita mel:
Abelhas d'ouo tomam-lhe a dianteira
Lá vem a *Lança!* A bañha

Traz ainda o sangue da *Sexta-feira*...
 Passa o último, o *Sudario!*
 O corpo de Jezus, Nosso Senhor...
 Oh que vermelho extraordinario!
 Parece o Sol-pôr...
 Que pena faz vel-o passar em Portugal!
 Ai que feridas! e não cheiram mal...

E a prociissão passa. Preamar de povo!
 Maré cheia do Oceano Atlantico!
 O bom povinho de fato novo,
 Nas violas de arame solúça, romântico,
 Fadinhos chorozos da sua alma beata.

Trazem imagens da Fuzicção nos seus chapéus.

Poeira opaca. Abafa-se. E, no Céu ferro-e-oiro,
 O Sol em gloria brilha olympico, e de prata,
 Como a velha cabeça aureolada de Deus!

Trombetas clamam. Vae correr-se o toiro.
 Passam as chocas, boas mães! passam capinhas.

Pregões. *Laranjas! Ricas cacauquinas!*
Pão de ló de Margarida!
Agoinha fresca da Moirama!
Vinho verde a escorrer da vide!

À porta d'um cazal, um tysico na canna,
 Olha tudo isto com seus olhos de Outro-mundo,
 E uma netinha com um ramo de loireiro
 Enxota as moscas, do moribundo.

Dança de roda mal-las moças o cozeiro.

Chama um ceguinho:
 «Não ha maior desgraça n'esta vida,
 Que ser ceguinho!»
 Outro, moreno, mostra uma perna partida!
 Mas fede tanto, coitadinho...
 Este, sem braços, diz «que os deixou na pedreira...»

E esse, acolá, todo o corpinho n'uma chaga,
 Labareda de cancos em fogueira,
 Que o Sol atíça e que a gangrena apaga,
 Ó Georges, vê! que excepcional cravina...

Que lindos cravos para pôr na botoeira!

Tysicos! Doidos! Nus! Velhos a ler a sina!
 Etnas de carne! Jobs! Flores! Lazaros! Christos!
 Martyres! Gães! Dhalias de puz! Olhos-fechados!
 Rheumaticos! Anôes! Deliriums-tremens! Kistos!
 Monstros, phenomenos, afflictos, aleijados,
 Talvez lá dentro com perfeitos corações:
 Todos, á uma, mugem roucas ladainhas,
 Tragicos, nivam «uma esmola p'ias alminhas
 Das suas obrigações!»
 Pelo nariz corre-lhes puz, gangrena, ranho!
 E, coitadinhos! fedem tanto: é de arrazar...

Quê dos Pintores do meu palz extranho,
 Onde estão elles que não vêm pintar?

Paris, 1891-1892.

*
*
*